

## **Cinema & Música na América Latina<sup>1</sup>**

Para o cineasta HECTOR BABENCO

Paulo Braz Clemencio SCHETTINO - SRD<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Propõe-se finalizar e discutir e analisar a Imagem da América Latina construída pelos diferentes *media* perceptível na geração de um resultante Imaginário latino-americano, criado com preponderância pelo Cinema e pela Música. É híbrida a cultura dos países deste vasto subcontinente unificada pela latinidade dos colonizadores e pela sua miscigenação com os povos africanos aqui à força trazidos.

Palavras-chave: América Latina. Cinema. Música. Latinidade. Intertextualidade.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Paulo B. C. Schettino Mestre em Cinema (Imagem e Som) e Doutor em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo – USP. É autor dos livros ‘Diálogos sobre a Tecnologia do Cinema Brasileiro’ (2007); ‘Da Pedra ao Nada: a viagem da Imagem – escritos apolíneos sobre os *media*’ (2009); e, ‘De Bello Media – O NovoCinema Brasileiro’ (2014). Autor do curta-metragem ‘Migrações’. Menção Honrosa pelo documentário ‘Ora (direis) ouvir estrelas!’ no Festival Porto 7 – Porto/Portugal (2008). Pós-Doutoramento em Cinema (Imagem e Som), na Universidade de Brasília – UnB (2011). Membro da Academia Sorocabana de Letras – ASL, de Sorocaba/SP (2012). Professor-Visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (2013-2015). Festival Internacional do Porto 7: Membro do Júri Internacional e palestrante na homenagem póstuma prestada ao cineasta brasileiro Eduardo Coutinho (2014).

**Finalizado para apresentação na INTERCOM NACIONAL, em setembro, na Semana da Pátria de 2016, na ECA/USP.**

**Prolegômenos**

Mesmo acreditando quando o escritor francês André Gide afirma em seu “Os Moedeiros Falsos” que somente o romancista coloca ponto final em seu romance, já que a Vida sempre continua, estamos trabalhando para finalizar a produção de Texto que intenta fechar a nossa pesquisa desenvolvida e voltada para a América Latina. Pois, como Gide, também nós acreditamos na impossibilidade de ponto final. Por três edições sucessivas apresentamos na Intercom junto ao grupo de pesquisadores acadêmicos voltados para o tema da América o que estávamos paulatinamente encontrando enquanto nos dispusemos a pesquisar o modo de construção da Imagem da parte maior do continente americano (do México para baixo), a América Latina, e mais, a construção do Imaginário dos países latino-americanos. O que estamos agora a escrever pretende ser o corolário da pesquisa até o momento presente, e de certa forma elucida as partes já disponibilizadas anteriormente, conforme relembramos abaixo. O que nos parece novo e que nos propomos a discutir e debater é que percebemos no estágio atual a confirmação de nossa hipótese inicial de que a convergência ou simbiose do Cinema e do Rádio, observada a partir dos anos da década de 1930, intensificou-se nos anos seguintes e cada vez mais as Imagens do Cinema e as letras e melodias da Música se constituem nos principais artífices da construção da Imagem produzida para a América Latina gerando por consequência o Imaginário do latino-americano.

Por três vezes, portanto, nesse espaço acadêmico que reúne pesquisadores e suas pesquisas cujos temas escolhidos provocam a convergência de todos os olhares para a América Latina, estivemos presentes. Intentamos aprofundar o conhecimento sobre a questão das Intertextualidades e aplicar o que amejamos em subtemas diferenciados que, porém, por seu lado, também convergem para o Tema maior do grupo: a América Latina. Optamos por dar prioridade aos textos que julgamos aflorar nas principais áreas das formas de expressão

particular escolhidas por seus artistas criadores e produtores que encontramos na Literatura, Rádio e Cinema, três instâncias abrigadas sob o pátio da Comunicação.

### **Um recuo temporal como estratégia,**

Reiteramos o que já dissemos anteriormente, ser a Comunicação uma necessidade ontológica e desse modo inerente a todos os seres vivos de estabelecerem enlaces e vínculos e relações – Comunicação – tanto com os seus pares e quanto ao meio-ambiente que os circunscrevem.

Aqui trataremos primordialmente de Comunicação; Comunicação Humana; Ciências; Fenomenologia; Mediações e as relações e conexões traduzidas por vínculos que estas palavras possuem com os conceitos básicos de três categorias, a saber: Comunicação – entendida como “fenômeno”; Cultura – como “estado”, e Educação – como “processo”. Se concordarmos com Teilhard de Chardin e aceitarmos que a existência do homem, imerso em uma miríade sem fim de outros seres vivos, se constitui no que o autor chamou de ‘fenômeno humano’ também se enquadrariam na categoria de ‘fenômeno’ os impulsos inatos para a busca de relações com o outro, sejam quais forem suas molas propulsoras ou ainda desconhecidos interesses, que em diferentes formas somadas poderíamos considerar como ‘comunicação’. (SCHETTINO, 2013, p.233)

Tanto a capacidade de um indivíduo para formulação de um pensamento complexo quanto sua capacidade de materialização em discurso verbal desdobrado, a nosso ver, seriam o principal objetivo da educação: educa-se para a comunicação. Premidos pela necessidade da comunicação é que os elementos de um grupo social terminaram por criar as diferentes linguagens – formas de expressão, e entre elas predominando a verbal, sonora e desenhada, a que chamamos de língua natural e comum a todos do grupo. Palavra e Gesto geraram ao longo do passar do tempo duas Literaturas que a Humanidade usou e aprimorou desde a antiguidade até o século XIX: uma para ser lida ou ouvida e outra para ser ‘mostrada’ – o milenar Teatro. O desenvolvimento das Ciências ditas Naturais – Biologia. Química e Física – e mais suas intersecções trouxeram uma nova quase religião para o mundo: o Cientificismo e a Tecnologia, a Ciência Aplicada ou a aplicação dos novos conhecimentos que a grande mãe Ciências, gerou. Uma verdadeira revolução que mudaria completamente o mundo e prepararia o tempo que vivemos. As artes pictóricas tiveram que mudar para

não morrer por causa da Fotografia; as fotografias ‘com alma’ ou ‘animadas’ – Cinema – quase enterraram o Teatro.

E o século XX, após a suja Grande Guerra de 1914-18, entra em delírio com os dois media tecnológicos: o Cinema dos irmãos Lumières e o Rádio de Marconi, unidos pela Física através da Luz. E com essa dupla imbatível, Cinema & Rádio, o mundo jamais seria o mesmo e nem mesmo as pessoas, por eles, totalmente dominadas. ‘Ver’ e ‘Ouvir’ – as principais vias de entrada do mundo para o interior das pessoas se abriram e completamente abertas e escancaradas. Desde então, a Humanidade e todos os homens passamos a ser reféns dos *media*. Pelo Cinema víamos e pelo Rádio escutávamos e para todos nós o mundo estava irremediavelmente menor, encolhido e encurtado.

É do período entre 1680 a 1706 que uma monja de Dresda antevê o futuro e faz a sua profecia:

*Chegará um tempo no qual voará a voz. E os homens conversarão entre si por além de mares e montanhas.*

*Chegará ainda um tempo no qual voarão as imagens. E os homens poderão ver-se por além de mares e montanhas.*

*Aquele será um tempo de grandes dores e de grandes tormentos.*

*Voarão as imagens como os anjos, mas não levarão a luz dos anjos.*

(Profecia da monja de Dresda)

Mas, antes de encetar esse vôo pelo espaço, antevisto pela monja de Dresda, através de mares e montanhas, a viagem empreendida pelos sons e imagens ainda teria que esperar pelo tempo, ou que a ciência dos homens resolvesse o problema. Sons e imagens, antes de criarem asas como os anjos, teriam que se sujeitar a serem armazenados e enlatados, e dependentes de pessoas ou máquinas que os transportassem de um lugar para outro. (SCHETTINO, 2009, p.177)

### **“E assim se passaram 10 anos.”**

A trilogia “O espelho partido” do acadêmico da ABL, Marques Rebelo, reproduz em notas de caráter memorialista a nossa então capital federal, Rio de Janeiro, no período que reconta a passagem entre as décadas de 30 e 40. É fácil perceber através de Rebelo como se processava no Brasil a recepção dos filmes estadunidenses que abordavam os esforços da futura entrada dos Estados Unidos na IIª Guerra Mundial, e ao mesmo tempo trabalhavam a América Latina visando um alinhamento político favorável à sua política externa. No que se chamou de estratégias para uma ‘política de boa vizinhança’ importaram a nossa Carmen Miranda a transformando em estrela internacional em substituição à estrela latino-americana que se apagara, Carlos Gardel.

O Tango com Gardel disputou com o Charleston a primazia de ocupar a trilha sonora dos anos loucos vividos pelas pessoas no período do entre guerras mundiais. Em 1935, o acidente com o avião que transportava Gardel e sua *troupe* de músicos veio enlutar a Argentina e encerrar de forma dramática a sua onipresença no imaginário dos sonhos de seus seguidores. E a Argentina se consumiria ao ver o seu bastão perdido ser levantado por uma falsa brasileira – Carmen Miranda – e ocupar com o Samba o lugar que dantes pertencia ao Tango. A partir do fim da primeira guerra mundial, subalternidade e dependência das boas graças do Tio Sam passariam a serem aspirações de toda a América Latina. (SCHETTINO, 2011, p.05)

Em contrapartida para aqui vieram o cineasta Orson Welles, entre outras figuras importantes, e principalmente Walt Disney e sua equipe que compareceu à estreia mundial de “Saludos Amigos!” na ‘cidade maravilhosa’ junto ao presidente Getúlio Vargas, em 1942. O próprio presidente Roosevelt veio negociar com Vargas que concedeu parte de Natal/RN para instalação de uma base aérea estadunidense e em troca recebeu financiamento e apoio para a criação da Siderúrgica Nacional de Volta Redonda.

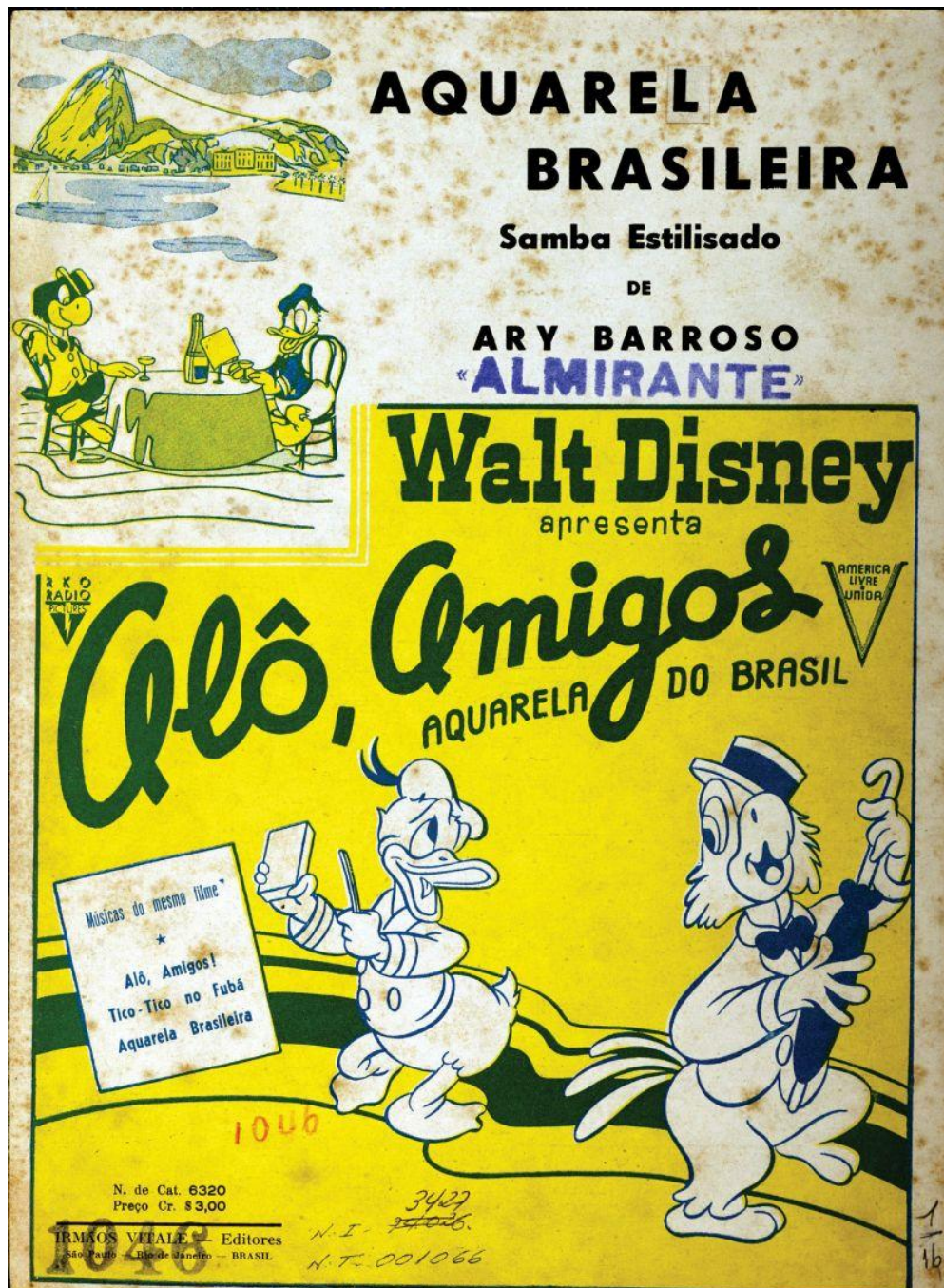




Esse filme lançou a música “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, que por vinte anos foi a música que mostrava a cara do Brasil, e seu Samba, para o mundo inteiro – lugar que seria disputado somente duas décadas depois pela “Garota de Ipanema”, de Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, já em outro projeto estadunidense também de boa-vizinhança, o “Aliança para o Progresso”, sob a égide do presidente John F. Kennedy. O som de “Aquarela do Brasil” associado à figura estilizada da ‘bahiana’ de Carmen Miranda divulgada pelos filmes de Hollywood marcou o imaginário não apenas do povo estadunidense, voraz e contumaz no consumo de filmes cinematográficos, mas também, do mundo inteiro. Como atriz exclusiva da produtora FOX Carmen Miranda precisou ser substituída por sua irmã, Aurora Duarte, nos filmes que Walt Disney produziu para outra produtora, a RKO. Porém, a presença de Carmen é sugerida por silhuetas e, principalmente pelo ritmo do Samba e pela profusão de instrumentos musicais característicos que são mostrados.



A ilustração abaixo pertence aos arquivos de Almirante, de posse atual do MIS - Museu de Imagem e Som, do Rio de Janeiro, e trata-se da capa da partitura comercializada pela histórica casa musical dos “Irmãos Vitale - Editores”.



FIM



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. *Cinema contra cinema / Bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1931.
- AMANCIO, Tunico. O Brasil dos gringos: imagens no cinema. Niterói/RJ: Intertexto, 2000.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. São Paulo: DIFEL, 1964.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade*. São Paulo: CULTRIX, 1995.
- CASTRO, Ruy. *Carmen : uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CARIJÓ, Armando de Moura. *Cinema brasileiro. Associação Cinematographica de Productores Brasileiros; Relatório da Directoria*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio e Rodrigues & C., 1937.
- ENCICLOPEDIA ILUSTRADA DEL CINE. Espanha: Editorial Labor S.A., 1970.
- GENETTE, Gérard. *Introdução ao Arquitexto*. Portugal: VEGA, 1979.
- LIMA, Maria Érica de Oliveira; ALBANO, Sebastião Guilherme. *Cronotopias: a renovação do audiovisual ibero-americano*. Natal/RN: EDUFRRN, 2012.
- MORAIS, Osvando José de. *Grande Sertão: Veredas – O Romance Transformado*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.
- MORAIS, Osvando José de, et alli (orgs). *Teorias da Comunicação – Trajetórias Investigativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MORAIS, Osvando J. de, e SCHETTINO, Paulo B. C. (orgs). *Teorias da Comunicação Aplicadas – Produção Discente*. São Paulo: EDUNISO, 2011.
- SCHETTINO, Paulo B. C. *Diálogos sobre a Tecnologia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- SCHETTINO, Paulo B. C. *Da Pedra ao Nada – A Viagem da Imagem*. São Paulo: LCTE Editora, 2009.
- SCHETTINO, Paulo B. C. *Teorias da Palavra II – de conexões e relações*. In *Teorias dos meios de comunicação no Brasil e no Canadá*. Salvador: UFBA, 2013.
- SCHETTINO, Paulo B. C. *DE BELLO MEDIA – o NovoCinema Brasileiro*. São Paulo/Porto Alegre: OJM Casa Editorial / EDPUCRS, 2014.
- SHULMAN, Irving. *VALENTINO – A Morte do Amante*. Rio de Janeiro: Novo Tempo Edições, 1967.
- TODOROV, Tzvetan. *A Vida em Comum – ensaio de antropologia geral*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- TOTA, Antonio P. *O imperialismo sedutor – A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
- TOULET, Emmanuelle. *O cinema, invenção do século*. São Paulo, Objetiva, 1988.

## REVISTAS

“A CENA MUDA” - REVISTA do nº5 (3-2-1954) ao nº 12 (24-3-1954)

1º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DO BRASIL – Programação Oficial”. Revista-livro do 1º Festival Internacional de Cinema do Brasil, realizado em São Paulo-capital entre os dias 12 e 26 de fevereiro de 1954 dentro das festividades comemorativas do 4º Centenário de Fundação da Cidade de São. São Paulo: Revista ELITE, 1954.



“JORNAL DO CINEMA”. Revista, edição ANO III, nº3 de Março-Abril – 1954. Rio de Janeiro: Jornal do Cinema, 1954.

“BRASIL CINEMA 1969 nº 4” – Rio de Janeiro: INC - Instituto Nacional do Cinema, 1969.

“FILME CULTURA 9” – Rio de Janeiro: INC – Instituto Nacional do Cinema, março-abril/1968.

“FILME CULTURA 32” – Rio de Janeiro: EMBRAFILME – Empresa Brasileira de Filmes, fevereiro/1979.

## **ANEXOS**

## **1 - EL DIA QUE ME QUIERAS**

**INTERCOM 2011**

### **RESUMO:**

As lembranças que restaram amarelecidas e transformadas pelo decurso do tempo na memória consciente a partir da experiência de espectador das artes sonoras e imagéticas da pintura, do teatro, da música e do cinema sobre as questões da latinidade nas Américas em confronto com a vivência de idêntica problemática política nos dias atuais – 30 anos depois. Revisitação de um tempo passado em busca de sua atualidade, e análise comparada de quatro textos de categorias diferentes, abrigados sob um mesmo título – EL DIA QUE ME QUIERAS – em exercício de Intertextualidade. A pesquisa que antecedeu o presente texto pretende ao menos compreender e se possível lançar luz sobre a questão da América Latina, Latinidade e Latino-americanos.

### **Palavras-chave:**

América; Colonialismo; Culturas; Latinidade; Relações; Representações.

## **2 - SOY LOCO POR TI, AMERICA - A Melhor De Três.**

**INTERCOM 2014**

### **Resumo**

Os navegadores da Europa Ocidental criam coragem, por volta dos fins de Séc. XV, e em busca de um lugar mítico, qual um paraíso perdido, que existiria para além do horizonte longínquo que das praias suas vistas alcançavam, se lançam aos que criam mares sem fim que sem parar batiam insistentemente em suas terras. Um sonho uma quimera uma ilusão que de tão vívidos exorcizavam os pavores e o medo da queda no abismo infinito que cairiam ao navegar sempre em linha reta, sem contar com os monstros terríficos que enfrentariam mais aterrorizantes quanto mais afastados estariam do lar e de seu universo circundante. De um dentre os que foram e voltaram como narradores de sua existência o Novo Mundo herdaria o nome – América – e de um sonhador – Utopia – que revelava sua competência de materializar desejos. Revelou-se um continente tão vasto a ponto de ser necessário fragmentar em três partes o seu desenho vertical de polo a polo, de gelo a gelo, passando pela ensolarada região central quando percorrido de norte a sul. Paradoxalmente paira sobre as três Américas o fantasma daquela uma e una quarta – a América.

### **Palavras-chave**

Cultura; Identidade; Comunicação; Americanismos.

### **3 - ALMA LLANERA ou EL CINE EN PORTUNHÓL: “ÊSSE RIO QUE EU AMO” - A interação cultural latino-americana entre Brasil/Argentina, mediada pelo Cinema**

**Pesquisa e Texto dedicados ao Cineasta e Doutor em Cinema  
ROBERTO FARIAS**

#### **INTERCOM 2015**

##### **Resumo**

Por tradição e história, Argentina e Brasil seriam os dois países da América Latina do Sul que mais se destacaram na produção de filmes cinematográficos desde que por aqui foi trazido o Cinema como a novidade que marcou a virada dos séculos XIX para XX. A ‘Grande Arte’ da Modernidade – o Cinematógrafo, conforme foi chamado em seus primórdios, alastrou-se como uma ‘febre’ pelo mundo inteiro, e aqui ao sul do Equador não foi diferente. A partir da visão que o Cinema seria o necessário registro da cultura local todos os cantos do mundo trataram de criar a sua Cinematografia Nacional daí surgindo também o que chamamos de ‘Cinema Argentino’ e ‘Cinema Brasileiro’. Escolhemos um filme ‘brasileiro’ – “Esse Rio Que Eu Amo” e seu diretor, o argentino Carlos Hugo Christensen, para estudar melhor as intersecções entre as duas cinematografias.

**Palavras-chave** Cinema Argentino – Cinema Brasileiro – Interculturas – Latinidade Sul-Americana